

Julyana Souza, alagoana, atualmente com 25 anos, fez aborto em uma clínica de São Paulo, com 24 anos, no final do ano passado

Veja depoimento*

Eu namorava a distância. Tinha terminado o namoro há pouco tempo, meses depois voltamos a nos ver e foi quando aconteceu a concepção. Tenho síndrome do ovário policístico e um ciclo menstrual muito longo. Ao desconfiar, fiz dois testes e eles deram positivo. Conteí ao meu namorado que mora em São Paulo, ele me perguntou se eu gostaria ou não de seguir com a gestação. Respondi: claro que não! Não é que eu não queira ter filho, só não queria ter esse, naquele momento. Cogitei o Cytotec, mas desisti. Meu namorado conseguiu o contato de uma clínica em São Paulo que realizava o procedimento.

Antes do procedimento, era necessário passar por um médico, que - por meio de um ultrassonografia - iria confirmar a gravidez. Logo após, seria encaminhada para outro médico. Lembro que era final de ano e eu não queria esperar muito. Como tinha comprado as passagens antes mesmo de descobrir a gravidez, não poderia perder tempo. Para adiantar, consegui fazer uma ultrassom por aqui, numa clínica particular de Maceió. Esse foi um momento terrível porque eles te tratam como se você quisesse aquilo. “Tem mãezinha aqui, o ser humano está gerando outro”. É muito traumático.

Fui a São Paulo, encontrei meu namorado e segui para a clínica. O lugar é todo organizado, tranquilo e muito profissional. Chegando lá, o doutor veio me perguntar se a minha vontade era aquela mesmo, acho que ele faz isso porque pode acontecer do parceiro estar induzido a paciente a não continuar com a gestação.

Pronto. Fui pro quarto, a equipe foi logo me dando uma bata e o meu namorado foi logo dando o envelope. Foram os R\$6mil mais bem pagos das nossas vidas. Botei um absorvente na calcinha, fui andando... Sentei na maca ginecológica, abri as pernas e me deram um sedativo. Saí de lá, segundo meu namorado, em 5 minutos. Em 5 minutos foi feita a aspiração. Depois, já andando, saí do centro cirúrgico, meio ‘grogue’. Deram um remédio normal de dor, lanche no quarto e pediram para eu

ficar sentada. No final da manhã, tive alta. O doutor foi logo dizendo “Nada de repouso e pode bater um prato de feijoada se quiser. Sem restrições alimentares. Relações sexuais só daqui 10 dias — e com camisinha. “Não queremos outro susto, né?”. Só voltei no outro dia para fazer o acompanhamento. Fui bater perna com meu namorado em São Paulo. Sei que nesse sentido sou privilegiada, milhares de mulheres não têm essa chance. Desde o começo, e agora, não tenho entendimento algum de culpa ou de arrependimento. Só alívio! Só alívio!

*Esse texto foi escrito baseado na entrevista feita com a jovem pelo **Olhos Jornalismo**